INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

Inicialmente, deparamo-nos com o TEMA sobre o qual repousa a discussão do texto. Caracteriza-se, portanto, por ser o assunto, o motivo da argumentação. Eis aí a diferença entre tema e tese. A TESE caracteriza-se por ser a tomada de posição do autor em relação ao tema e aparece, em um texto padrão, no 1º parágrafo. Será ela não só a ideia central do 1º parágrafo, ou INTRODUÇÃO, mas do texto em sua totalidade, o qual terá como compromisso desenvolver argumentos que a comprovem.

Nos parágrafos seguintes – que estruturarão o DESENVOLVIMENTO –, observa-se a presença dos TÓPICOS FRASAIS, que são os argumentos centrais de cada parágrafo. Serão eles desenvolvidos das mais variadas formas: apresentação de relações de causa e efeito, utilização de exemplos, comparações, analogias, dados estatísticos, testemunhos de autoridade etc.

Por fim, o último parágrafo, ou CONCLUSÃO, surge no texto representando a retomada da tese. É neste momento que, em geral, o autor externa suas opiniões, críticas, ou ainda sugestões sobre a discussão desenvolvida em sua dissertação, finalizando-se, assim, o ciclo textual.

QUESTÕES DE CONCURSOS

(VUNESP – Câmara Municipal de Caieiras – Assistente de Contabilidade – 2015)

O Fator Sorte

As pessoas mais inclinadas a buscar significados nos acontecimentos tendem de fato a encontrá-los, ainda que, para isso, tenham de subestimar as leis da probabilidade, no intuito de encontrar um maior número de "coincidências", que atribuem à sorte.

Há alguns anos, o físico Richard A. J. Matthews estudou as chamadas leis de Murphy, a irônica suma do pessimismo resumida na máxima "se alguma coisa pode dar errado, dará". Matthews investigou, em particular, por que uma fatia de pão com manteiga cai geralmente com o lado da manteiga para baixo. A prevalência da "falta de sorte" foi confirmada por um estudo experimental, patrocinado por um fabricante de manteiga: o aparente azar deve-se simplesmente à relação física entre as dimensões da fatia e a altura em que estava colocada.

São também explicáveis outros tipos de infortúnio, como o fato de que, quando duas meias soltas são retiradas da gaveta, geralmente elas não são do mesmo par. Além disso, tendemos a dar mais atenção a fatos rotineiros que nos frustram (como perder o ônibus por

chegarmos ao ponto com segundos de atraso), em vez de contabilizar o grande número de ocasiões em que não tivemos contratempos. Essa atitude contribui para reforçar nossos preconceitos e nos fazer ignorar as leis da probabilidade.

O psicólogo Richard Wiseman, professor da Universidade de Hertfordshire, na Inglaterra, também conduziu um estudo interessante sobre os mecanismos relacionados à sorte. O projeto, financiado por várias instituições, entre as quais a Associação Britânica para o Avanço da Ciência, gerou um manual chamado "O fator sorte", traduzido em mais de 20 idiomas.

Ele publicou um anúncio no jornal solicitando que pessoas particularmente sortudas ou azaradas entrassem em contato com ele para que seus comportamentos fossem analisados. Descobriu que cerca de 9% desses indivíduos podiam ser considerados azarados e 12% favorecidos pela sorte. Todos os outros entravam na média.

Wiseman deu aos participantes um jornal, solicitando que contassem as fotos impressas e prometendo um prêmio aos que o fizessem corretamente. Ora, o número solicitado estava gravado de forma evidente sobre uma das páginas, algo que muitos "azarados" não perceberam, pois estavam concentrados demais na tarefa.

A análise experimental dos traços de personalidade que distinguiam sortudos e azarados permitiu concluir que esses últimos são mais tensos e concentrados, ao passo que os sortudos tendem a considerar as coisas de forma mais relaxada, mas sem perder de vista o contexto geral. Assim, se considerarmos os dados coletados, ter sorte pode significar, pelo menos em parte, saber fazer boas escolhas e perceber as ocasiões mais vantajosas para si mesmo.

(Gláucia Leal. Disponível em: http://blogs.estadao.com.br/o-fator-sorte. Adaptado)

1 - (VUNESP – Câmara Municipal de Caieiras – Assistente de Contabilidade – 2015)

Na opinião da autora,

a) as situações de azar são mais frequentes para quem atua com displicência.

b) os casos de boa ou má sorte devem ser interpretados como predestinação.

c) a sorte relaciona-se à maneira de atribuir sentido e de reagir aos eventos.

d) as pessoas consideradas sortudas são mais supersticiosas que as azaradas.

e) o sortudo é aquele que realiza suas atividades com mais zelo e disposição.

(VUNESP – Câmara Municipal de Descalvado – Tesoureiro – 2015)

O Potencial de Consumo dos Idosos

No Censo de 2010, a participação das pessoas com mais de 65 anos de idade atingiu 7,4%. Isso representa mais de 14 milhões de brasileiros.

Além de numeroso, esse grupo representa um grande potencial de vendas para o varejo e empresas em geral. Afinal, essas pessoas já passaram pelas maiores despesas da vida: educaram os filhos e construíram e mobiliaram a casa onde vivem. A renda agora é para alimentação, saúde e lazer e para continuar presenteando os familiares.

Como entender e atender esses consumidores? A pior coisa que uma empresa pode fazer é usar eufemismos como "melhor idade" para se comunicar com eles. "Melhor idade é quando eu tinha 20", muitos vão dizer.

Mesmo assim, o estereótipo da velhinha de cabelos brancos usando bengala é absolutamente rejeitado por eles – e com toda a razão.

Hoje em dia, pessoas perto dos 70 anos não têm cara de velhinha de bengala, afinal foram culturalmente ativas e pioneiras: viram o homem pisar na Lua, viveram como hippies, passaram pelo regime militar, pela revolução sexual, da informática e da internet, entre tantas outras modificações.

Para elas, a idade é um estado de espírito, e não um número.

Entre os 20 e os 40 anos, as pessoas sentem-se imortais. O esforço pessoal é focado em ser alguém, em destacar-se. Acredita-se que é possível moldar o mundo às nossas necessidades.

Depois dos 40 anos, percebe-se que a realidade não é tão boa assim, e as pessoas iniciam uma busca por significado na vida, que se estende até seus últimos dias.

De maneira geral, até os 40, o foco é no "ser social". Depois dessa idade, o foco passa a ser o "eu interior".

Produtos e serviços que satisfaçam essa necessidade têm mais chances junto a esse público. Mas será que nossas lojas sabem atender esses consumidores?

Não, pois os consumidores mais velhos, apesar da mentalidade jovem, sentem desconforto em ambientes com excesso de estímulos, sua visão perde a capacidade de discernir cores (sem falar nas letras pequenas), sua agilidade para manusear objetos fica reduzida, além de sofrerem mais com as consequências da obesidade.

É patente que as lojas e os produtos não são desenhados para ajudá-los a superar essas dificuldades. No quesito atendimento, os mais velhos odeiam ser um número. Querem

tratamento diferenciado, alguém treinado para ouvi-los e que os trate como indivíduos, coisas cada vez mais raras no varejo de hoje.

Além disso, não valorizam lojas, produtos e marcas pelo prestígio social que trazem. Querem algo autêntico, personalizado e, hoje, poucas marcas podem disputar esse lugar no mercado.

Em poucas palavras, o potencial dos consumidores mais velhos é grande, mas quase ninguém está preparado para atendê-los.

(Maurício Morgado. Folha de S.Paulo, 10.06.2012. Adaptado)

2 - (VUNESP – Câmara Municipal de Descalvado – Tesoureiro – 2015)

De acordo com a leitura do texto, é correto afirmar que

a) as lojas e as prestadoras de serviços vêm disponibilizando altas somas para adequar suas instalações às expectativas dos clientes idosos.

b) as pessoas com mais de 65 anos estão dispostas a consumir mais, embora parte significativa de seus rendimentos esteja comprometida com a formação dos filhos.

c) os idosos querem consumir diferentes produtos e serviços, mas os valores recebidos da aposentaria restringem sensivelmente os gastos dessas pessoas.

d) o mercado brasileiro está perdendo a oportunidade de aumentar os lucros, pois não tem conseguido atender adequadamente o público idoso.

e) as pessoas que já passaram dos 65 anos negam a imagem dos velhinhos de bengala, por isso preferem frequentar lojas direcionadas ao consumidor jovem.

(VUNESP – CROSP – Assistente Administrativo – 2015)

Das musas, entidades mitológicas da Grécia Antiga, dizia-se que eram capazes de inspirar criações artísticas e científicas. Mulheres belas, talentosas e descendentes diretas de Zeus já foram homenageadas por Shakespeare, Dante e Rafael.

Pois a musa inspiradora de Felipe Alves Elias tinha 15 m de comprimento e 6 m de altura, pesava até sete toneladas e estaria, hoje, com idade bem avançada: 145 milhões de anos. Funcionário do Museu de Zoologia da USP, Felipe leva tatuado no braço um crânio de espinossauro e é um paleoartista. Ele diz: “Faço a representação visual de uma hipótese paleontológica sobre a anatomia, a aparência ou a ecologia das espécies fósseis.” Apesar da explicação complicada, todos já devem ter visto obras de paleoartistas em livros didáticos,

exposições ou filmes. O trabalho deles, contudo, não aparece nos Flintstones ou no Jurassic World – O Mundo dos Dinossauros.

"A paleoarte tem como função a divulgação científíca", diz Ariel Milani, um dos grandes estudiosos da área no Brasil. "No cinema, é entretenimento. Visualmente é lindo, mas tudo ali é uma grande liberdade artística". Ao dizer isso, ele jura que não é dor de cotovelo. Pioneiro da paleoarte no Brasil, Ariel desenha dinossauros há quase 20 anos e atualmente faz doutorado na Unicamp. Ele afirma: "Meu trabalho tenta formalizar a paleoarte dentro das ciências biológicas. O problema é que as pessoas não entendem o limite entre arte e ciência. Para os cientistas, somos artistas; para os artistas, somos cientistas."

Para estimular o crescimento da área no país, anualmente a Paleo SP – reunião anual da Sociedade Brasileira de Paleontologia – organiza um concurso de paleoarte. O próximo evento está marcado para dezembro e Ariel será o juiz técnico, por isso sugere alguns macetes que podem levar os aspirantes à vitória. "O dinossauro não pode ser magnífico, se estiver andando em cima da grama, está errado. A grama só surgiu depois dos dinossauros.Também não pode colocar um T-Rex ao lado de um dinossauro do período Triássico."

(Revista da Folha, junho de 2015. Adaptado)

3 - (VUNESP – CROSP – Assistente Administrativo – 2015)

Segundo o texto, a paleoarte tem por objetivo

a) fazer com que as pessoas se encantem com todos os tipos de fósseis.

b) cooperar com a criação de filmes sobre a trajetória dos dinossauros.

c) garantir que as produções cinematográficas sejam fiéis às ciências.

d) difundir cientificamente os dados relativos ao estudo dos fósseis.

e) Promover junto com cineastas o entretenimento do público.

(VUNESP – Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo – Escrevente Técnico Judiciário – 2015)

Ser gentil é um ato de rebeldia. Você sai às ruas e insiste, briga, luta para se manter gentil. O motorista quase te mata de susto buzinando e te xingando porque você usou a faixa de pedestres quando o sinal estava fechado para ele. Você posta um pensamento gentil nas

redes sociais apesar de ler dezenas de comentários xenofóbicos, homofóbicos, irônicos e maldosos sobre tudo e todos. Inclusive você. Afinal, você é obviamente um idiota gentil.

Há teorias evolucionistas que defendem que as sociedades com maior número de pessoas altruístas sobreviveram por mais tempo por serem mais capazes de manter a coesão. Pesquisadores da atualidade dizem, baseados em estudos, que gestos de gentileza liberam substâncias que proporcionam prazer e felicidade.

Mas gentileza virou fraqueza. É preciso ser macho pacas para ser gentil nos dias de hoje. Só consigo associar a aversão à gentileza à profunda necessidade de ser – ou parecer ser – invencível e bem-sucedido. Nossas fragilidades seriam uma vergonha social. Um empecilho à carreira, ao acúmulo de dinheiro.

Não ter tempo para gentilezas é bonito. É justificável diante da eterna ambivalência humana: queremos ser bons, mas temos medo. Não dizer bom-dia significa que você é muito importante. Ou muito ocupado. Humilhar os que não concordam com suas ideias é coisa de gente forte. E que está do lado certo. Como se houvesse um lado errado. Porque, se nenhum de nós abrir a boca, ninguém vai reparar que no nosso modelo de felicidade tem alguém chorando ali no canto. Porque ser gentil abala sua autonomia. Enfim, ser gentil está fora de moda. Estou sempre fora de moda. Querendo falar de gentileza, imaginem vocês! Pura rebeldia. Sair por aí exibindo minhas vulnerabilidades e, em ato de pura desobediência civil, esperar alguma cumplicidade. Deve ser a idade.

(Ana Paula Padrão, Gentileza virou fraqueza. Disponível em: <http://www.istoe.com.br>. Acesso em: 27 jan 2015. Adaptado)

4 - (VUNESP – Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo – Escrevente Técnico Judiciário – 2015)

No final do último parágrafo, a autora caracteriza a gentileza como “ato de pura desobediência civil”; isso permite deduzir que

a) assumir a prática da gentileza é rebelar-se contra códigos de comportamento vigentes, mesmo que não declarados.

b) é inviável, em qualquer época, opor-se às práticas e aos protocolos sociais de relacionamento humano.

c) é possível ao sujeito aderir às ideias dos mais fortes, sem medo de ver atingida sua individualidade, no contexto geral.

d) há, nas sociedades modernas, a constatação de que a vulnerabilidade de alguns está em ver a felicidade como ato de rebeldia.

e) obedecer às normas sociais gera prazer, ainda que isso signifique seguir rituais de incivilidade e praticar a intolerância.

(VUNESP – Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo – Escrevente Técnico Judiciário – 2015)

O fim do direito é a paz, o meio de que se serve para consegui-lo é a luta. Enquanto o direito estiver sujeito às ameaças da injustiça – e isso perdurará enquanto o mundo for mundo –, ele não poderá prescindir da luta. A vida do direito é a luta: luta dos povos, dos governos, das classes sociais, dos indivíduos.

Todos os direitos da humanidade foram conquistados pela luta; seus princípios mais importantes tiveram de e enfrentar os ataques daqueles que a ele se opunham; todo e qualquer direito, seja o direito de um povo, seja o direito do indivíduo, só se afirma por uma disposição ininterrupta para a luta. O direito não é uma simples ideia, é uma força viva. Por isso a justiça sustenta numa das mãos a balança com que pesa o direito, enquanto na outra segura a espada por meio da qual o defende. A espada sem a balança é a força bruta, a balança sem a espada, a impotência do direito. Uma completa a outra, e o verdadeiro estado de direito só pode existir quando a justiça sabe brandir a espada com a mesma habilidade com que manipula a balança.

O direito é um trabalho sem tréguas, não só do Poder Público, mas de toda a população. A vida do direito nos oferece, num simples relance de olhos, o espetáculo de um esforço e de uma luta incessante, como o despendido na produção econômica e espiritual. Qualquer pessoa que se veja na contingência de ter de sustentar seu direito participa dessa tarefa de âmbito nacional e contribui para a realização da ideia do direito.

É verdade que nem todos enfrentam o mesmo desafio. A vida de milhares de indivíduos desenvolve-se tranquilamente e sem obstáculos dentro dos limites fixados pelo direito. Se lhes disséssemos que o direito é a luta, não nos compreenderiam, pois só veem nele um estado de paz e de ordem.

(Rudolf von Ihering, *A luta pelo direito*)

5 - (VUNESP – Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo – Escrevente Técnico Judiciário – 2015)

É correto concluir que, do ponto de vista do autor,

a) toda luta é uma forma de injustiça.

b) a luta é indispensável para o direito.

c) o direito termina quando há paz.

d) as injustiças perdurarão enquanto os povos lutarem.

e) nada justifica a luta, nem mesmo a paz.

(VUNESP – Prefeitura Municipal de Suzano – Diretor de Escola – 2015)

Uma conhecida convidou os quatro netos pré-adolescentes para lanchar. Queria passar um tempo com eles, como fazem as avós. Sentaram-se numa lanchonete. Pediram sanduíches e refrigerantes. Daí, os quatro sacaram os celulares. Ficaram todo o tempo trocando mensagens com amigos, rindo e se divertindo. Com cara de mamão murcho, a avó esperou alguma oportunidade de bater papo. Não houve. Agora, ela já prometeu:

– Desisti. Não saio mais com meus netos.

Cada vez mais as pessoas “abandonam” os outros para viver num mundo de relações via celular. Às vezes de maneira assustadora.

Em certos almoços, mesmo de negócios, é impossível tratar do assunto que importa. O interlocutor escolhe o prato com a orelha no celular. Quando desliga, abre para verificar e-mails. Responde. Pacientemente espero. Iniciamos o papo que motivou o almoço. O celular toca novamente. Dá vontade de levantar da mesa e ir embora. Não posso, seria falta de educação. Mas não é pior ficar como espectador enquanto a pessoa resolve suas coisas pelo celular, sem dar continuidade à conversa?

Faço cara de paisagem enquanto a pessoa discute algo que nada tem a ver comigo. Penso: seria melhor, muito melhor, não ter marcado reunião nenhuma. Mais fácil seria, sim, me impor através do celular, porque através dele entro na sala de alguém quando quero, sem marcar hora. O aparelhinho invade até situações íntimas. Se fosse só comigo, estaria traumatizado por me sentir pouco interessante. Mas sei de casos em que, entre um beijo e outro, um dos parceiros atende o celular. Para tudo, sai do clima. Quando termina a ligação, é preciso de um tempo para retomar. Mas aí, pode tocar novamente e... enfim, até nos momentos mais eróticos, o aparelhinho atrapalha.

Ainda sou daquele tempo de ter conversas francas e profundas, de olhar nos olhos. Hoje é quase impossível aprofundar-se nos olhos de alguém. Estão fixados na tela de seu modelo de última geração. Conheço algumas raras pessoas que se recusam (ainda!) a ter celular. Cada vez mais, se rendem. A vida ficou impossível sem ele. Eu descobri uma estratégia que sempre funciona, se quero realmente falar com alguém. Convido para jantar, por exemplo. Ela saca o celular. Pego o meu e envio uma mensagem para ela mesma, em frente a mim. Não falha. Seja quem for, acha divertidíssimo. E assim continuamos até o cafezinho. Sem palavras, mas trocando incríveis mensagens pelo celular. Todo mundo acha divertidíssimo.

(Walcyr Carrasco, Má educação e celular. Revista Época. Disponível em: <http://epoca.globo.com>. Acesso em: 27.01.2015. Adaptado)

6 - (VUNESP – Prefeitura Municipal de Suzano – Diretor de Escola – 2015)

Para expressar seu ponto de vista acerca do uso dos celulares, o autor se vale da descrição de casos em que

a) a comunicação presencial é frustrada, o que o leva a criar uma situação caricata a fim de chamar a atenção para esse fato.

b) as pessoas otimizam o tempo de comunicação, graças ao uso de recursos das novas tecnologias de telefonia celular.

c) as expectativas de comunicação dos interlocutores são plenamente satisfeitas, mesmo sendo dispensado o contato social.

d) os efeitos do uso de aparatos tecnológicos são neutralizados pelo contato visual com as pessoas, nos encontros sociais.

e) ele próprio se vê envolvido pelo fascínio da tela do celular, que o faz abrir mão da conversação com amigos.

(VUNESP – SMG/SP – Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2015)

Soneto Sentimental à Cidade de São Paulo

Ó cidade tão lírica e tão fria!

Mercenária, que importa – basta! – importa

Que à noite, quando te repousas morta

Lenta e cruel te envolve uma agonia

Não te amo à luz plácida do dia

Amo-te quando a neblina te transporta

Nesse momento, amante, abres-me a porta

E eu te possuo nua e frígida.

Sinto como a tua íris fosforeja

Entre um poema, um riso e uma cerveja

E que mal há se o lar onde se espera

Traz saudade de alguma Baviera

Se a poesia é tua, e em cada mesa

Há um pecador morrendo de beleza?

(Vinicius de Moraes, Poemas esparsos. 2008)

7 - (VUNESP – SMG/SP – Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2015)

Para o eu lírico, São Paulo é uma cidade

a) sem atrativos naturais, estando ele cada vez mais distante dela.

b) bastante complexa, afastando os cidadãos com suas ambiguidades.

c) obscura por natureza, vendo ele a real beleza dela na tristeza.

d) marcada pelas multifaces, sendo ele seduzido pelas suas noites.

e) simples e envolvente, levando bem-estar a todos a qualquer hora

(VUNESP – Prefeitura Municipal de São José dos Campos – Engenharia de Segurança do Trabalho – 2015)

Invista em companhia para mudar hábitos

Como ter hábitos de vida mais saudáveis e perder peso com mais facilidade? Além da combinação clássica de mais atividade física com melhor alimentação, dois novos estudos sugerem que topar o desafio na companhia do parceiro ou de um grupo pode fazer toda a diferença.

No primeiro trabalho, da Universidade College of London, do Reino Unido, especialistas avaliaram mais de 3.700 casais com idade igual ou superior a 50 anos. Concluíram que é muito mais fácil parar de fumar, perder peso e fazer exercícios quando a cara-metade também arregaça as mangas e compra a briga.

Só para citar um exemplo: 50% das mulheres que fumavam conseguiram largar o cigarro quando o companheiro tentou junto. Entre as mulheres cujo parceiro já era um ex-fumante (portanto não a acompanhou na tentativa), só 17% conseguiram parar. Entre aquelas cujo marido continuou a fumar, o índice de sucesso ficou em apenas 8%.

Num outro trabalho, da Universidade de East Anglia, também do Reino Unido, pesquisadores revisaram 42 estudos envolvendo mais de 1.800 pessoas de 14 países e constataram que fazer atividade física em grupo diminui as condições que ameaçam a saúde, como doença coronariana, derrames, depressão e até alguns tipos de câncer.

Para os especialistas, caminhar em grupo faz as pessoas se exercitarem por mais tempo do que fariam sozinhas, além de estimular treinos mais vigorosos. As atividades coletivas também mostram ganhos psicológicos. Os praticantes ficam menos isolados. O sentimento de pertencimento aumenta o bem-estar e a sensação de apoio emocional. A combinação de benefícios físicos e psicológicos pode reduzir sintomas depressivos e estresse.

Para muitos dos homens e mulheres pesquisados, os grupos podem facilitar a aderência à atividade física regular e converter as caminhadas num novo hábito de vida. Quer seja na companhia do parceiro ou de um grupo, fica mais fácil vencer as resistências e encarar a mudança.

(Jairo Bouer. Época, 02.02.2015. Adaptado)

8 – (VUNESP – Prefeitura Municipal de São José dos Campos – Engenharia de Segurança do Trabalho – 2015)

De acordo com as informações do texto, é correto afirmar que

a) a prática de exercícios físicos na companhia de parentes e amigos é comprovadamente mais eficaz para melhorar a saúde que seguir uma alimentação balanceada.

b) o hábito de caminhar em grupo levou muitos indivíduos a se dedicarem a treinos mais intensos e vigorosos, situação que tem preocupado médicos cardiologistas.

c) os pesquisadores constataram, com base na observação de 1.800 indivíduos, que os casais ingleses que se exercitavam em grupo superaram doenças como depressão e câncer.

d) a atividade física, praticada de forma regular e coletiva, torna os indivíduos psicologicamente mais saudáveis, pois pertencer a um grupo reduz a sensação de isolamento.

e) as mulheres, tanto as jovens como as de meia-idade, obtiveram maior sucesso para abandonar o cigarro quando receberam o apoio do companheiro.

(VUNESP – Prefeitura Municipal de São José dos Campos – Engenharia de Segurança do Trabalho – 2015)

Competição a toda prova

Interessado em saber como a seleção dos melhores agiria na natureza, o pesquisador William Muir, da Universidade de Purdue, nos Estados Unidos, fez uma experiência com galinhas. Selecionou dois grupos: um natural, em que as aves conviviam normalmente, e outro formado só pelas que mais produziam ovos. Ele queria testar se o isolamento das superprodutivas aumentaria a quantidade de ovos gerada. Após seis gerações, as galinhas do bando natural estavam saudáveis. Mas as do grupo das superaves estavam depenadas, estressadas e sem botar nenhum ovo – com apenas três sobreviventes. As outras seis tinham sido assassinadas.

A história é usada pela americana Margaret Heffernan, em seu livro *A Bigger Prize: Why Competition Isn't Everything and How We Do Better* ("Um prêmio maior: por que a competição não é tudo e como podemos fazer melhor", numa tradução livre), para demonstrar que a competitividade não é tão boa quanto o mundo dos negócios faz parecer. Segundo a autora, que foi CEO de renomadas empresas de tecnologia, ambientes de trabalho competitivos causam estresse e problemas de relacionamento que não compensam os resultados. Ela cita o caso de Bill Gore que fundou sua indústria química com um modelo hierárquico mais amigável e bateu recordes de patentes. "Pessoas colaborativas tornam as empresas mais inteligentes", diz Margaret.

Para alguns, a competitividade serve para criar uma atmosfera mais produtiva. Jack Welch, ex-presidente da GE, deu fama a seus rankings que dividiam os funcionários entre os 20% potenciais, os 70% medianos e os 10% incompetentes. Para Margaret, essa prática, embora dê lucro, cria cenários que geram ansiedade e estresse. "Qualquer tarefa complexa requer muito de seu cérebro. Mas o estresse prejudica especificamente o funcionamento do córtex pré-frontal, onde os pensamentos ocorrem, e o hipocampo, responsável por coordenar as atividades mentais necessárias para resolver problemas. Quando nos sentimos ameaçados, podemos ter toda a capacidade mental de que precisamos, mas simplesmente não conseguimos articular as ideias", comenta a autora em seu livro.

(Bárbara Nór. VocêS/A, janeiro de 2015. Adaptado)

10 - (VUNESP – Prefeitura Municipal de São José dos Campos – Engenharia de Segurança do Trabalho – 2015)

Sobre o conteúdo do texto, é correto afirmar que

a) o pesquisador William Muir tinha por objetivo provar que a convivência em um ambiente natural levaria as galinhas a produzir quantidade de ovos acima do normal.

b) as seis galinhas mais produtivas, pertencentes ao grupo das superaves, ficaram doentes e vieram a morrer vitimadas pelo próprio estresse.

c) os indivíduos submetidos a situações constrangedoras e estressantes podem ter bloqueada sua aptidão mental para solucionar impasses.

d) os rankings estabelecidos por Jack Welch aumentaram a produtividade da empresa, pois os funcionários não se sentiam discriminados por essa estratégia.

e) Bill Gore criou um modelo de gestão administrativa em que aboliu a hierarquia, ou seja, a organização da empresa em diferentes setores

Gabarito

1 – C

2 – D

3 – D

4 – A

5 – B

6 – A

7 – D

8 – D

9 – C